

DISCURSO DO ORADOR

Bacharelando *Francisco das Chagas Vasconcelos*

Preocupados com a manifestação de vossas tendências que mais uma vez se exteriorizariam na escôlha que ieis empreender, não nos apercebemos da honra excelsa que nos conferistes. Quando nos delegáveis a vossa representação neste momento grandioso da nossa existência comum, por que pensávamos no vosso destino e no vosso futuro, como o irmão que ascolta e vigia, que espera e ora pela felicidade do parente e amigo, não sentimos o sol radiante da glória agitar em ânsias de expansão e de arroubo a nossa vaidade adormecida.

Recebendo a incumbência, naquela expectativa que sufoca e aniquila, naquela ânsia contínua de conhecer os vossos pensamentos, de sentir as vossas ideias, de compreender as vossas tendências, de medir os vossos impulsos, de querer o continuar da marcha pela senda luminosa em que enveredastes, onde não se arma a emboscada, nem se cultiva a traição, onde se debruçam os ninhos do amor que a solidariedade arquiteta e sustenta, recebendo esta incumbência, repetimos, com o receio infundado de um desvio na vossa conduta, não tivemos o tempo necessário para rejubilarmos com consideração tamanha. Colegas, não mentristes ao nosso passado e como nos alegamos em verificar que afirmastes o vosso futuro!

Vistes, ao longo da jornada, o caminhar trôpego do companheiro, lá atrás, bem distante, onde chegava apenas a poeira do caminho, sem préstito, sem carruagem, sem fôrças e sem méritos para caminhar lado a lado convosco, que formáveis o cortejo imponente de inteligências em flôr. Quisestes porém estender a mão ao camarada. Não olhastes a pobreza de suas vestes rotas, cobertas de pó, como é dado aos que caminham sempre atrás. Não reparastes que não reluziam nele os adornos custosos que ornavam o vosso préstito e nem fizestes caso do contraste com a imponência da vossa grandeza, grandeza imensa dos vossos dotes intelectuais que desfilavam e desfilam sob as vistas da turba que demora à beira da estrada. Falou porém o vosso coração. Êle, que foi sempre o informador de vossas atitudes, não haveria de calar desta vez. Determinou que a amizade e o amor presidissem a essa decisão vossa. E vos somos gratos pela grandeza dos vossos sentimentos.

Meus senhores, na apoteose magnífica dêsse acontecimento, onde flores se abrem no sorriso franco da juventude e se vem comemorar, entre as pompas de uma festa grandiosa, a realização de um ideal, não julgueis que estas fronteiras, que agora se alteiam plenas de felicidade, não se quedarão, em breve, cheias de apreensão ao receber curvadas, pelo pêso da responsabilidade, o juramento solene que a profissão lhes impõe.

Se não fôra a compreensão dos seus deveres, a que estão acostumados desde a infância longínqua, se não fôra o sadio hábito de conviverem com encargos, por certo êste ritual austero serveria apenas para lhes alimentar a vaidade e o desvanecimento, ou incitá-los à fuga, no instante sacrosanto do PROMETO. O recuo porém não foi escrito no livro da vida dos que hoje recebem o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Sôbre os seus ombros poderão cair responsabilidades. Trôpegos e curvados sob o pêso dos fardos, poderão marchar entre vaias e apupos; poderão chover sôbre suas cabeças as pedras dos irresponsáveis que integram a maioria desta Nação infeliz, que zom-

bam, riem e escarnecem dos que abraçam tarefas. Continuarão a caminhar em busca de melhores dias para aqueles mesmos que os apupam no caminho.

Olham o alto, aspiram aos céus os que integram a TURMA UNIVERSIDADE DO CEARÁ.

Dir-se-ia que uma mão invisível e sobrenatural marcou esta turma concludente, imprimindo-lhe desde sua formação um comportamento singular e único e desencadeando até o instante sublime de sua dispersão uma sequência irresistível e luminosa de fatos que arrematam na circunstância feliz de se constituir ela a primeira turma diplomada pela Universidade do Ceará.

Não resta dúvida, não foi por acaso o acontecido. Papel, missão importante está confiada àqueles que hoje recebem o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Desertarão êles? Abandonarão os postos no fragor da luta que se há de travar?

Meus senhores, certa vez fomos levados a abordar com pessimismo a situação atual da humanidade, repetindo o que vêzes várias se dissera sôbre a crise que avassala a nossa geração. Foi o suficiente para que da pena de um jornalista brilhante jorrassem lamentações pelo que lhe foi dado ouvir de uma mocidade derrotada, sem ânimo e sem vigôr, conforme nos qualificara. A veemência da crítica, a autoridade do seu autor e o perpassar dos anos, infelizmente, não nos fizeram pensar o contrário.

A civilização hodierna rola vertiginosamente para o abismo. A humanidade desintegrou-se e, na hecatombe imensa de seu declínio, debate-se apavorada, sem rumo e sem destino, na ânsia enorme, na procura imensa de se agarrar à tábua que a ponha a salvo do naufrágio horrível. E quando se vêem e quando se sentem e quando se observam as construções grandiosas da ciência, o homem desafiando a tudo e a todos, penetrando os segredos milenares da natureza, arquitetando sempre e sempre o seu confôrto material, em soluções contínuas de suas necessidades,

não se pode deixar de lançar aos ventos a pergunta aterradora: E por que continua êle infeliz?

Trazendo à frente os trofeus da luta, cada qual mais difícil na prêsa e na conquista, foi êle acumulando vaidade sôbre vaidade, auto-divinizando-se, numa consciência errônea da sua grandeza, na certeza absoluta do seu poderio e de sua fôrça, intangíveis, únicos, insuperáveis... A sêde imensa do avançar contínuo não respeitou barreiras. A procura do materialmente útil lhe foi preocupação constante, para dentro em pouco se tornar única. E o espírito cede à matéria. Como disse muito bem Alexis Carrel: "A clareza dos conceitos científicos opôs-se à luz desintelectualizada da Fé. Deus, os seus santos e os seus anjos afastaram-se de nós. Começou então a corrosão da armadura que durante tanto tempo manteve os nossos avós da Idade Média num estado de paz espiritual nunca igualado até esta data. Os ataques de Lutero, continua o pensador francês, abalaram profundamente a autoridade da Igreja sôbre os indivíduos e sôbre os povos. Dividiu-se a cristandade. Formaram-se as Nações da Europa. E assim, foi semeado o grão que, depois de alguns séculos de incubação, engendraria o caos universal e a guerra entre todas as Nações do mundo. O conflito da Fé, da Filosofia e da Ciência lançou a perturbação na alma dos homens do ocidente. Deixou de haver regra indiscutível para a conduta da vida e a disciplina moral relaxou-se".

E porque o homem não é só corpo, a insatisfação continua apesar do confôrto que a ciência lhe prodigaliza. Em vão tenta encontrar a felicidade. Não a achou nos tesouros materiais que a técnica lhe pôs às mãos; pelo contrário. Procurou-a, então, na liberdade. Atônito, desarvorado, gritou por ares livres, por campos livres. Se ao menos quisesse contar ao vento os seus segredos, no desabafo da angústia que lhe apertava o peito; se ao menos desejasse falar à flôr, beber da flôr a beleza da sua humildade... Mas, não: os seus reclamos eram mais uma afirmação do seu orgulho e uma manifestação a mais do julgamento de

sua importância. Como disse o autor de "O Homem perante a Vida": "O homem emancipado, de forma nenhuma se pode comparar à uma águia planando na imensidade dos céus. Antes se parece com um cão que se tivesse evadido do seu domicílio e andasse, errante, ao acaso, no tumulto dos automóveis". Não, não o fêz feliz a liberdade, porque trazia consigo a mancha de um pecado original. Não a concebeu e nem a quis o homem nas linhas reais e firmes da sua estrutura, antes deformou-a, moldou-a segundo as conveniências dos seus interesses, na orientação do seu egoísmo desenfreado. Foi-lhe apenas uma peça a mais na trama secular em que se envolveu. Conquistou-a em nome de uma igualdade violentada, mutilada e ferida. A fraternidade que lhe embalou o berço não lhe vigiou os primeiros passos e nem no alvorecer da juventude lhe ensinou o mandamento sublime de sua religião, para que repetisse continuamente, incessantemente, pelos tempos afora, o preceito divino: "Amai-vos uns aos outros".

E como o cão evadido do seu domicílio, continuou errante, no meio dos automóveis, angustiada e confuso, na iminência terrível de ser esmagado. Aos tatos e aos encontrões poderia porém caminhar para onde lhe aprouvesse. "Mas, nem por isto, afirma Carrel, considerar-se-ia menos perdido, por não saber aonde ir, nem como proteger-se contra os perigos que o rodeiam. Como reencontrará êle a segurança moral, conhecida dos seus antepassados, quando erguiam sôbre o solo da Europa as Catedrais góticas?" "Como a água do regato que se vai indiferentemente perder no lago, nas areias do deserto ou nos pântanos, a vida seguiu o pendor dos seus desejos e tomou tôdas as formas da mediocridade, ou da corrupção. E é assim que ela se orienta hoje de maneira espontânea para o lucro, para a satisfação dos apetites e para os divertimentos".

Não seria outra a ordem que esta liberdade deformada ajudou a construir. É que, desconhecendo-se a si próprio, cercado de máquinas e de progresso material, continuou o homem a ser

levado por ideologias que não se assentam sobre a “exaustiva observação da realidade”. Apanha-se uma faceta da existência do homem, é a mesma submetida a um processo mental e julga-se, então, que foram encontrados os contornos ambientais próprios ao desenvolvimento da coletividade humana. Não é outra coisa o liberalismo, e nem diferente é o marxismo, para citarmos, apenas, as de maior aceitação. Criaram esta figura esquisita do *homo economicus*, como se o homem tivesse nascido apenas para produzir e consumir. O lado humano foi esquecido, senão negado, e voltou-se exclusivamente para um aspecto da sua individualidade. A insatisfação só tendia a continuar. O marxismo realça o proletariado e suprime as outras classes. A liberdade que êle concebe é apenas teórica e só o operariado lhe conhece os acenos. Como poderia uma ideologia assim fazer feliz a uma sociedade organizada assim? O liberalismo, por sua vez, alimentou êste monstro a que se chama lucro. Constituiu-se êle o obojetivo único, o ponto central e último para onde convergem todos os esforços e todos os interêsses. O egoísmo se acentuou, a deslealdade fortaleceu-se e a vingança e o ódio tomaram alento. Era a fome do acúmulo de haveres que afinal vieram a ficar nas mãos de poucos. E os que viram esta riqueza afastar-se de si entre gargalhadas de ironia e aninhar-se nos braços volutuosos dos mais afortunados, entre paroxismos de carinhos, crisparam as mãos, e nos estertores da inveja e do ciúme juraram odio. Acaso é mais feliz o rico, no gôzo de sua ostentação e opulência? Não, continua a ser um insatisfeito, como um insatisfeito continua a ser o miserável que o odeia e inveja. Por mais paradoxal que pareça, uma sensação persistente de carência está a lhe mostrar que lhe falta algo. Agrupa-se, promove reuniões e entre taças de vinhos espumantes, com um sorriso nos lábios contrafeitos, tenta fazer rir o coração. Na procura incansável da felicidade, passou a comprar, à custa de fortuna, louvaminhas, publicidade e elogios. Encheu de ridículo as páginas da imprensa

desviada e corrompida. Forçou, a pêsso de ouro, que se lhe desse a qualificação exdruxula de "gente bem". Tudo em vão. Não passou de um engôdo e de uma mentira a mais, na tentativa falha de enganar a si próprio. Sente perfeitamente que não o satisfaz o louvor encomendado. E neste ambiente de desconfiança e temores formam-se as gerações. Com tristeza se percebe que dia a dia a degradação se alastra e se acentua.

Quando a decadência se instala, é na mediocridade dos chefes que se esboçam as suas primeiras manifestações. E o que nós vemos nos dias que correm é a multidão sofrer por não acreditar em ninguém.

Meus senhores, nos braços de uma sociedade assim, lança-se, hoje, esta plêiade de jovens. Para Carrel, nos países democráticos não existe homem capaz de servir de paradigma à juventude. O que é difícil, porém, é o encontrar líderes que encarnem os anseios da mocidade angustiada. Muitos pululam por aí afora com acenos de comando. A mediocridade, porém, lhes é característica peculiar, como um sinal eloqüente dos tempos.

Quando escolhemos os que deviam conduzir-nos até a porta para a largada nos caminhos da vida, só aos grandes de espírito, aos de coração generoso fomos pedir mercês: S. Excia., o Snr. Ministro Nelson Hungria, glória da cultura jurídica nacional e encarnação da honra e da dignidade; o Prof. Luiz Cruz de Vasconcelos, inteligência moça que, na simplicidade de sua modestia, tem sempre, para os seus alunos, as palavras amigas do seu coração. Não nos confundiram as lantejoilas que realçam o exterior das mediocridades.

Nesta babel tremenda, na confusão aterradora dos nossos dias, quando a lei é defendida pela violência, quando a preocupação do mando, o ódio e o egoísmo são as causas determinantes da razão de ser, é ao senso jurídico, à modestia e à humildade destas duas figuras inconfundíveis que queimamos o incenso da nossa veneração.

Temos uma concepção bem diferente da vida. E sabemos

onde buscar a felicidade. Dêste convívio ameno com o Direito que aproxima e irmana, que *torna possível a co-existência social*, na expressão de Sílvio Romero, aprendemos as regras de comportamento que não nos deixam encher o peito de vaidade e orgulho. Sob o império da lei, todos somos iguais. Sob o seu manto, as mãos se unem em amplexo e não há de medrar o ódio. Não buscamos a felicidade na cubiça porque não a conhecemos na riqueza, mas na solidariedade e no amor que nascem do coração e que no Direito encontram proteção e vigor.

Como tem razão o pensador francês, quando diz: “Numa aldeia ignorada da Palestina, um jovem carpinteiro anunciou a alguns pescadores ignorantes uma nova impressionante: somos amados por um Sêr imaterial e todo poderoso, acessível às nossas preces. Devemos amá-lo mais do que a qualquer outro sêr, assim como nós nos devemos amar uns aos outros. Uma nova era começou. O único cimento bastante poderoso para ligar entre si os homens, acabava de ser encontrado. Mas a humanidade está longe de ter compreendido que não poderá ser salva da divisão, da ruína e do caos, senão pelo amor mútuo. Ainda não realizou nenhuma descoberta científica tão rica de significação, como a da lei do amôr, a lei da sobrevivência das sociedades humanas”. Sim: a humanidade ainda não compreendeu e em vão se bate à procura da felicidade.

De nossa parte, quando à nossa porta vierem os aniquilados sob o pêso da opressão, os espoliados e preteridos a nos implorar ajuda, iremos em seu auxílio com a frase de Carrel no pensamento: “O homem não tem direitos, mas necessidades”. Quem nos levará é o coração, na procura de atender o companheiro que sofre, no desejo de pugnar, não por uma vitória que lhe trará vaidade, mas pela satisfação de uma necessidade que lhe trará confôrto.

Meus senhores, disse Pascal que “a marcha da humanidade consiste em dois passos para a frente, depois, um passo para trás; uma hesitação, um descanso, depois três passos para

a frente, e ainda um passo para trás, uma parada, e, agora definitivamente para a frente”. Sim, definitivamente para a frente, para o alto, deve ser a sua marcha.

Instituições como a Universidade do Ceará têm o seu papel preponderante neste impulso. Não tivemos a felicidade de marcarmos tôda a nossa formação com o timbre desta entidade recém-criada. Porém a velha Escola de Direito soube mui bem plasmar a nossa personalidade para que lá fora não fôssemos desmentir a tradição jubilar do seu conceito. Necessário se torna que a experiência dos seus anos de lutas por um ideal grandioso e o espírito de sua cultura influenciem a instituição nascente.

Seu escopo é a pesquisa científica. Se é bem verdade o que disse Berthelot, isto é, que “a ciência é uma das maiores fôrças morais sôbre a qual se apoia a dignidade da pessoa humana que, sendo a mais nobre e a mais generosa inspiradora dos nossos pensamentos, nos ensina a elevar os nossos corações acima das estreitas considerações da vida cotidiana”, é também certo que, até aqui, não pôde ela trazer a paz e a tranqüilidade à vida do homem. Tem-se encaminhado na busca do material. Se a orientação não satisfaz, urge que um novo rumo seja visado, que nos dirija e oriente aos páramos da felicidade. Abandonemos, por um instante, o caminho seguido; já conhecemos de mais a matéria. Voltemo-nos sôbre nós mesmos, sôbre êste mundo de complexos que é o homem. Estudemos as suas tendências e o seu comportamento, e, estabelecidas as leis das diversas relações, mais fâcilmente se podem compreender os seus desejos, sua missão e o seu fim.

A formação da personalidade dos jovens é também missão importantíssima das Universidades, formação que se deve alicerçar nos conhecimentos científicos sôbre o próprio homem.

Nestes dias de conturbação e de desordem, quando as normas reguladoras da conduta estão relaxadas pelo desuso, a Universidade não pode fugir ao seu destino histórico. Que parta

daqui a chama sagrada da renovação. Praza aos céus que o facho do amor empunhado pela TURMA UNIVERSIDADE DO CEARÁ continue de mão em mão, alumando o caminho e enchendo de luz os corações.

Magnífico Reitor da Universidade do Ceará: Éramos cento e quatro, cento e quatro os que se apresentaram para juntos fazerem a longa caminhada. 25 foram os escolhidos e destes restam os que aqui estão. Solicitando-vos em meu nome e dos meus colegas que vos digneis de conferir-nos o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais, nesta hora de despedida, quando as nossas mãos se tocam pela última vez e sentimos a preocupação dos mestres amigos pelo nosso destino, queremos reafirmar que jamais haveremos de esquecer as lições grandiosas que nos ensinaram, como nunca olvidamos as preces singelas que nossa mãe nos pôs no coração. Haverão elas de nos guiar pelos caminhos da vida. Sim, quem poderá esquecer lições como esta que nos disseram ao ouvido, na forma da lenda maravilhosa que nos contaram assim:

“Conta-se que, em um ponto vago do planeta, se reuniram os três sábios da época, a fim de esconder do gênero humano a chave da felicidade.

O primeiro propôs que ela fôsse colocada no alto da montanha, onde não chegara o passo de ninguém, entre as nuvens e as estrêlas.

O mais velho dos três, no entanto, lembrou que haveria de chegar o instante em que o gênio descobridor criaria um pássaro metálico capaz de desvendar o mistério dos astros e das constelações e que, assim, a técnica daria à humanidade a solução do segrêdo.

O segundo sugeriu, então, que ela fôsse jogada ao fundo dos oceanos. O mais sábio dos três, porém, disse que chegaria, também, o momento em que desceríamos aos pélagos profundos, no ventre de um peixe maravilhoso, capaz de revelar à terra o reino das pérolas e das sereias.

Como os dois que haviam falado esperassem o conselho do mais velho e mais sábio, êste se levantou e disse:

— “Para que a chave da felicidade não seja encontrada pelo homem, nós devemos colocá-la dentro do coração do próprio homem”. Conclui o mestre: “Na marcha de mais de vinte séculos, escravo dos egoismos, dominado pelas vaidades, ensanguentado nas guerras, o homem não encontrou, porém, até agora, o segrêdo milenário da sua ventura, da sua tranqüilidade e da sua paz, apenas porque não teve um minuto de sossêgo, um ouvir o conselho do seu próprio coração”.
minuto de altruísmo para se voltar para dentro de si mesmo e